

# A (RE)CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NAS PARÁFRASES DAS CARTAS E CRÔNICAS DE JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA À LUZ DA METAENUNCIÇÃO DA LINGUAGEM

Maria das Dores Oliveira de Albuquerque (UFPB)  
doresalbuquerque@gmail.com

## Introdução

Neste trabalho, apresento uma discussão sobre a (re)construção de sentido das paráfrases de natureza linguística, existentes em duas cartas e na crônica, “Sem me rir, sem chorar”, do escritor paraibano, José Américo de Almeida, em detrimento do processo metaenunciativo da linguagem. Como objetivo geral, procuro demonstrar que a (re)construção de sentido, à luz do processo metaenunciativo da linguagem, decorre das marcas linguísticas provedoras de paráfrases.

A fundamentação teórica foi configurada pelos conceitos de paráfrases formulados por Authier-Revuz (1994) e Catherine Fuchs (1992). Detenho-me, ainda, nas concepções de gênero textual, tendo em foco os gêneros carta e crônica e o princípio dialógico da linguagem sob a égide de Bakhtin (1999; 2003).

Para as análises, utilizei duas cartas e a crônica “Sem me rir, sem chorar – uma apresentação errada”. As cartas pertencem a um *corpus*<sup>1</sup> constituído por 48 (quarenta e oito) cartas, datadas de 1915 a 1952, as quais foram pesquisadas no acervo da Fundação Casa de José Américo. Já a crônica encontra-se na dissertação de Mestrado de Adylla Rabello.

Este texto foi estruturado em três seções: a primeira é constituída pela introdução; na segunda, exponho concepções teóricas inerentes ao campo da metaenunção da linguagem como também aos conceitos de gêneros discursivos: os gêneros carta e crônica; na terceira e na quarta seções, apresento as análises e a conclusão respectivamente.

## 1. Metaenunção da linguagem e as noções de gêneros textuais: carta e crônica

### 1.1 Paráfrases como recurso metaenunciativo

---

<sup>1</sup> *Corpus* da tese: “As interfaces do dizer: um processo metaenunciativo de (re)construção das paráfrases nas cartas de José Américo de Almeida”, defendida em junho 2008 por Maria das Dores Oliveira de Albuquerque, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Cristina de Sousa Aldrigue (PROLING/UFPB).

É de conhecimento de estudiosos da língua(em) que as discussões sobre paráfrase não são recentes, porque esse assunto já fazia parte das discussões na retórica clássica, época em que se convivia com as atividades de reformulação de textos e à exegese de textos bíblicos.

Fuchs(1994, p.131) demonstra que, para estabelecer uma relação de paráfrase, os sujeitos se apoiam no parentesco semântico entre enunciados, voltado para uma construção dinâmica e modulada. Esse parentesco semântico, segundo a mesma autora (1994), livra as condições linguísticas de uma relação em que os enunciados não são interparafrásticos, mesmo que, em certas condições, eles sejam tratados como tal.

Essa relação de paráfrase é abordada por Fuchs (1994) com a seguinte advertência: tratar os enunciados aparentados como paráfrases é efetuar um julgamento de identificação fora de uma atividade discursiva em situação - a paráfrase não é, como tal, uma propriedade de formulações linguísticas, mas o resultado de uma estratégia cognitiva da linguagem dos sujeitos. (FUCHS, 1994, p.131).

Como se vê, Fuchs (1994, p.132) se afastou da concepção de paráfrase considerada como um processo estático e se preocupou em demonstrar uma concepção dinâmica e aberta da significação. A autora lembra que a significação global de um enunciado é o resultado da interação de marcadores que o compõem. Esses marcadores podem corresponder a operadores diferentes, a partir dos quais são construídos valores diferentes, mas também podem corresponder a cotextos que se identificam. Por esse princípio, a autora assevera:

É então ao fim da interpretação que certo parentesco pode ser estabelecido, do outro lado das diferenças de construção de valores resultantes: as diferenças não são sem importância, mas essenciais do ponto de vista do modo de construção de valores instaurados pela língua (cf. FUCHS, 1994, p.135).

Assim, o estabelecimento das paráfrases se realiza por meio do diálogo entre os sujeitos, que são imprescindíveis.

Busco manter a visão do princípio de que a metaenunciação está relacionada à tomada de um discurso - enunciado ou enunciação - já construído, em especial, o discurso que pode ser constituído por uma memória cultural e histórica, o qual pode ser demonstrado pelas paráfrases.

Esse princípio parte da pressuposição de que o manuseio do processo linguístico, no universo das paráfrases, é colocado no campo da metalinguagem, especificamente de âmbito metaenunciativo. Isso porque o uso do termo “meta” está imbricado na capacidade que a linguagem tem de interpretar a si mesma, de saber sobre a, da linguagem, sendo capaz de reconstituir o que foi dito ou pensado. Por meio desse entendimento, percebi que o desdobramento do signo, efetivado na enunciação, ofusca o transparente, e esse ofuscamento transfigura o dizer que já não é mais o mesmo.

Authier-Revuz (2004) põe em foco dois campos da linguagem: o primeiro é o da metalinguagem, por meio do qual a configuração enunciativa tem relação com a metalinguagem natural (versus metalinguagem lógica, externa); a metalinguagem comum ou epilinguística (versus científicas), que está relacionada às representações de sujeitos a propósito da linguagem, do sentido, da comunicação; o metaenunciativo, compreendido como autorrepresentação do dizer que se vai fazendo (versus discursos no campo do epilinguístico), é discurso sobre linguagem, em geral, sobre outro discurso, sobre o discurso do outro na interação no diálogo.

O segundo campo da enunciação - a especificação da modalização autonímica - é visto por Authier-Revuz (1998, p.183) como uma forma de enunciação que comporta duplamente uma representação da enunciação, isto é, é no campo do heterogêneo da enunciação em que a língua – e, portanto, a linguística – encontra a fala, o discurso, o sujeito. Authier-Révuz precisou buscar, em outras teorias, esse ponto de encontro, lugar denominado de *clivagem* teórica, para demonstrar a inter-relação delas, no sentido de conceber o conceito de língua, de sujeito e sua relação com a linguagem e com o sentido.

Com esse propósito, a autora (1998, p.183) propôs uma abordagem dos fatos metaenunciativos que consiste em: (1) partir sistematicamente das formas da língua – e não, das categorias comunicacionais – ou seja, as ocorrências dos trabalhos sobre o metadiscorso; (2) explicitar os exteriores mobilizados nessa zona fronteira da linguística que intervêm na descrição. Aqui se inscrevem os pontos de incompletude, de falta – sem desembocar no horizonte “do objeto enunciativo global” onde se poderia registrar, interdisciplinarmente, o todo da enunciação.

Reconheço que o foco do trabalho de Authier-Révuz (1998, 2004) está no fato de que os trabalhos sobre enunciação se justificam pelo objetivo de representar o que se considera

irrepresentável. Por esse ângulo, infiro também que esses trabalhos procuram demonstrar a irrepetibilidade do enunciado, em decorrência das condições de produção.

## 2. Um dedo de prosa sobre os gêneros do discurso carta e crônica

### 2.1 Sobre enunciado e gêneros do discurso

Conforme a visão de enunciado elaborada por Bakhtin (1992), os sujeitos elaboram enunciados que são um contínuo ou retomada de algo que já foi visto e criado antes. Eis o que diz esse autor:

O enunciado sempre cria algo que, antes dele, não existira, algo novo e irreproduzível, algo que está sempre relacionado com um valor (a verdade, o bem, a beleza, etc.). Entretanto, qualquer coisa criada se cria sempre a partir de uma coisa que é dada (a língua, o fenômeno observado na realidade, o sentimento vivido, o próprio sujeito falante, o que é já concluído em sua visão do mundo, etc.). O *dado* se transfigura no *criado* (BAKHTIN, 1992, p.348).

Entendo a posição de Bakhtin, é mais fácil estudar, no *criado*, o que é o *dado*, como, por exemplo, os elementos de conjunto de uma visão do mundo, os fenômenos refletidos da realidade, etc., do que estudar o *criado*. Ele diz: “toda análise científica se resume, no mais das vezes, a descobrir o que já estava dado, já presente e pronto antes da obra [...]. É como se todo o dado se reconstruísse de novo no criado, se transfigurasse nele” (BAKHTIN, 1992b, p. 349).

Então, tudo é reduzido ao dado prévio, ao já pronto. Na verdade, “o objeto vai edificando-se durante o processo criador, e o poeta também se cria, assim como sua visão do mundo e seus meios de expressão” (BAKHTIN, 1992b, p. 349).

(...) Os contextos possíveis de uma única e mesma palavra são frequentemente opostos. (...) Pode-se, no entanto, dizer que toda enunciação efetiva seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa. (...) Os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto (BAKHTIN, 1999, p.107).

A partir dessa informação, depreendo que linguagem e sujeito se constituem concomitantemente, ou, como se pode dizer, a própria constituição do sujeito está imbricada na presença da linguagem e do outro.

A partir do exposto sobre o enunciado, valho-me da noção de gêneros do discurso em consonância com a classificação utilizada por Bakhtin (2003), que a faz tomando como base a origem e os denomina de gêneros primários e gêneros secundários.

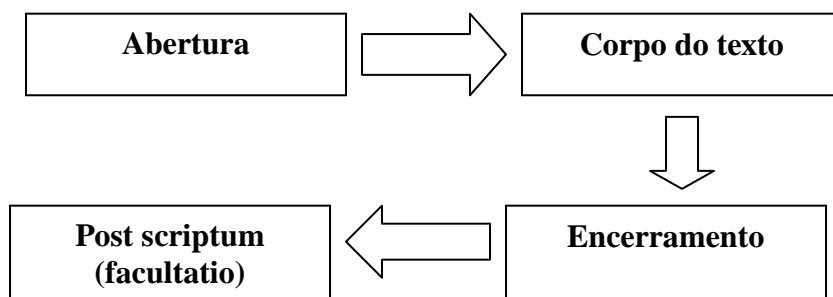
Segundo o já citado pensador, os gêneros primários são aqueles que têm suas origens nas condições da comunicação discursiva imediata, isto é, aqueles que registram as atividades de diálogo do dia a dia. Já os gêneros secundários, reconhecidos também como complexos, têm suas origens nas condições culturais complexas, desenvolvidas e organizadas conforme o mundo da escrita, caracterizados como romance, dramas, pesquisas científicas de toda a espécie, os gêneros publicitários, entre outros, ou seja, descreve o mundo da arte, da ciência e o sociopolítico (BAKHTIN, 2003).

## 2.2 O gênero do discurso – carta

Reconheço o gênero discursivo carta como uma prática comunicativa alimentada pela troca desta entre os correspondentes, que, nesse percurso, ora assumem o papel de remetentes, ora o de destinatários, e assim sucessivamente, conforme o princípio de que as cartas são escritas para ir ao encontro de uma resposta.

A seguir, registro os passos constituintes de uma carta pessoal: primeiro, o item de abertura, composto por local, data e vocativo; segundo, o corpo do texto, ou seja, o enunciado formulado pela mensagem; e terceiro, o encerramento e a assinatura, apresentado por Silva (2002, p. 58).

Apresento o esboço geral da configuração textual, assumida por grande parte dos gêneros epistolares retratado pela citada autora. Essa configuração pode se adequar ao aspecto composicional dos gêneros postulados por Bakhtin (2003), demonstrada no fluxograma abaixo:



**Figura 1 - Fluxograma 1 – Estrutura da carta pessoal**

Bakhtin (1992, p. 281) considera a carta pessoal como íntima, dentro da perspectiva do gênero primário, pelo fato de se inscrever no contexto privado, despojado das formalidades impostas pela relação interativa assimétrica.

### 2.3 O gênero do discurso – crônica

Exponho o conceito do gênero crônica consoante a origem da palavra grega *khronos*, que significa tempo. Na língua portuguesa, a palavra crônica pode ser considerada uma narração histórica, ou registro de fatos comuns, mais precisamente, um texto jornalístico escrito de forma livre e pessoal, cujos temas são fatos ou ideias atuais ou simplesmente relatos da vida cotidiana.

A crônica não só registra os fatos cotidianos como também capta os detalhes, tornando o instantâneo eterno, além de ter leveza e um toque coloquial, e por não censurar o narrador-repórter que tem liberdade para escrever, limita-se ao espaço de escrita do texto que tem de ser pequeno, mas em compensação, não há restrição de assuntos, temas. Além disso, a crônica se caracteriza por pertencer, ao mesmo tempo, ao jornalismo e à literatura. Já o conceito de carta se instaura pela percepção do gênero primário, como um enunciado que apresenta uma informação de locutor para um interlocutor.

## 3 Análises e discussões

A análise deste estudo se efetivou tendo em vista as paráfrases encontradas em fragmentos de duas cartas de nº02 e nº08, retiradas do corpus da já citada tese, e na crônica “Sem me rir sem chorar”, de José Américo de Almeida<sup>2</sup>. Recorri à metalinguagem utilizada por Hilgert (1988), que traduz um enunciado original por EO e paráfrases por p. Esse p, às

---

<sup>2</sup> Nasceu em Areia-PB, autor do romance regionalista *A Bagaceira*, ocupou a cadeira de nº 38, que pertenceu a Tobias Barreto, na Academia Brasileira de Letras, a partir de 1967. Foi Ministro do Tribunal de Contas de União, cargo vitalício, no qual se aposentou, mas também foi ministro da Aviação no Governo Getúlio Vargas e exerceu outros cargos políticos, como deputado, senador e governador do estado da Paraíba. Em 1956, fundou a Universidade Federal da Paraíba, da qual foi o primeiro reitor em 1957, época em que publicou a série de crônicas “Sem me rir, sem chorar” na revista o CRUZEIRO. (Cf. RABELLO, 1994)

vezes, aparece com um número correspondente à quantidade de enunciados parafrásicos referentes ao EO.

### 3.1 Fragmento discursivo nº 13 – carta nº 02 -1921

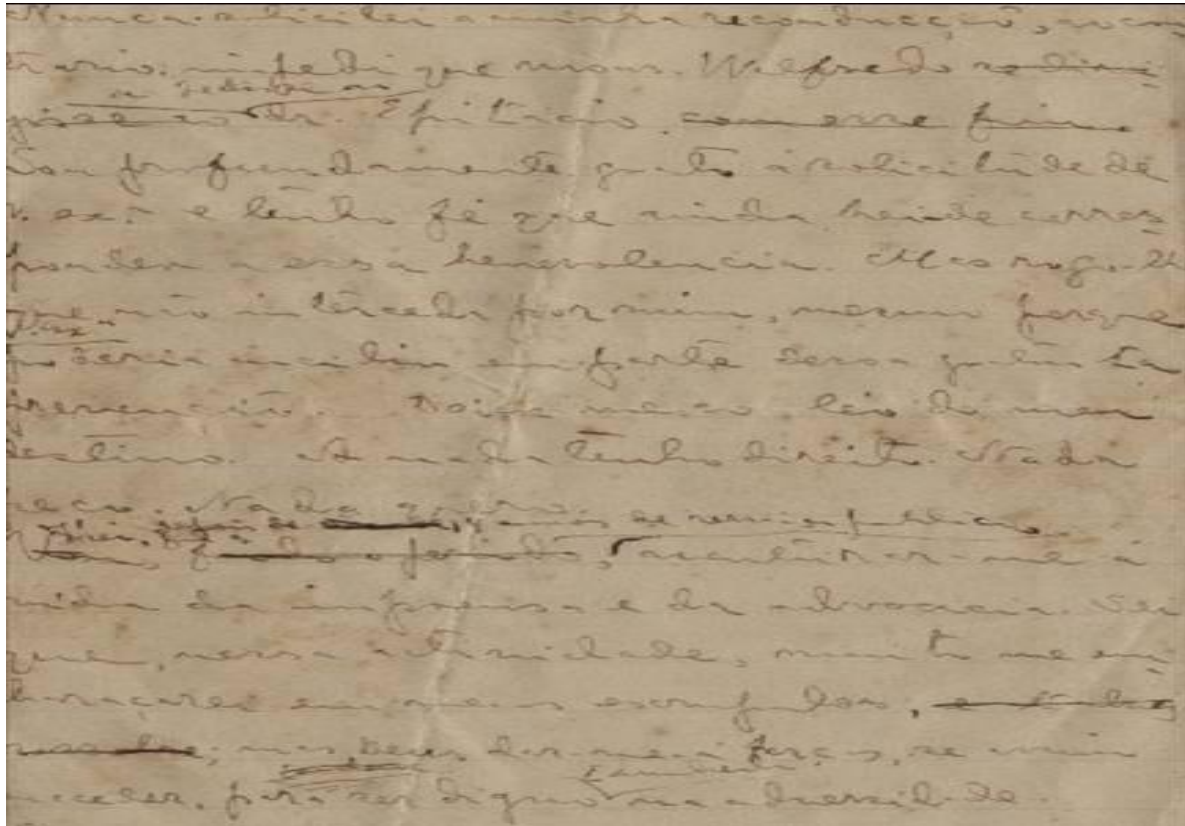


Figura 02 – Parte da carta nº 2

Sou profundamente **grato a solicitude de**/ V. Ex<sup>a</sup>: e tenho fé que ainda pude corres / ponder **a essa benevolência por** mim, mesmo porque / poderia incidir em parte dessa palestra./ Admiração, Por isto mesmo (ilegível), levo do meu / destino. **De nada tenho direito. Nada.** / Peço. **Nada quero, saio da vida publica / para entrar na vida da imprensa e da advocacia** vejo / que nessa atividade, muito se interessarem em meus exemplos / mas Deus dar-me forças, se mim receber, para ser digno (ilegível) mas o brasileiro de muito apreço e gratidão.( José Américo, 1921).

EO 1 – “... grato a **solicitude** de v. Ex.”

p1 – a esse **benvolência** por mim”

EO 2 – “**De nada** tenho direito”

p1 – “**nada**”

p2 – “**Nada quero**, saio da vida pública para...”

O enunciador arremata sua disposição para recusar o cargo de procurador da República pelo primeiro EO-1 e p1, através do reconhecimento da voz do outro, que fez sua defesa para permanecer no referido cargo. Mas o contexto sociopolítico daquele instante o indicia a deixar tal posição. Esse contexto convoca o sujeito a proclamar seu afastamento pelo EO-2 (re) argumentado pelas p1 e p2. Tais argumentos são fortalecidos pelas marcas linguísticas de cunho negativo –“nada”. Essas marcas nos permitem buscar elementos relacionados ao campo da metaenunciação, promulgadas em decorrência das formações discursivas, ou seja, das condições de produção daquele instante.

A carta de nº 08 se constitui de oito laudas, razão por que não foi possível apresentá-la na íntegra. Por isso, apresento apenas alguns recortes, cujo tema se relaciona ao universo da política que já foi visto em trechos da carta de nº 27. Eis, então, os seguintes fragmentos discursivos:

### 3.2 Fragmento discursivo nº 14 da Carta n. 08 Cep. 1 doc. 08 1931

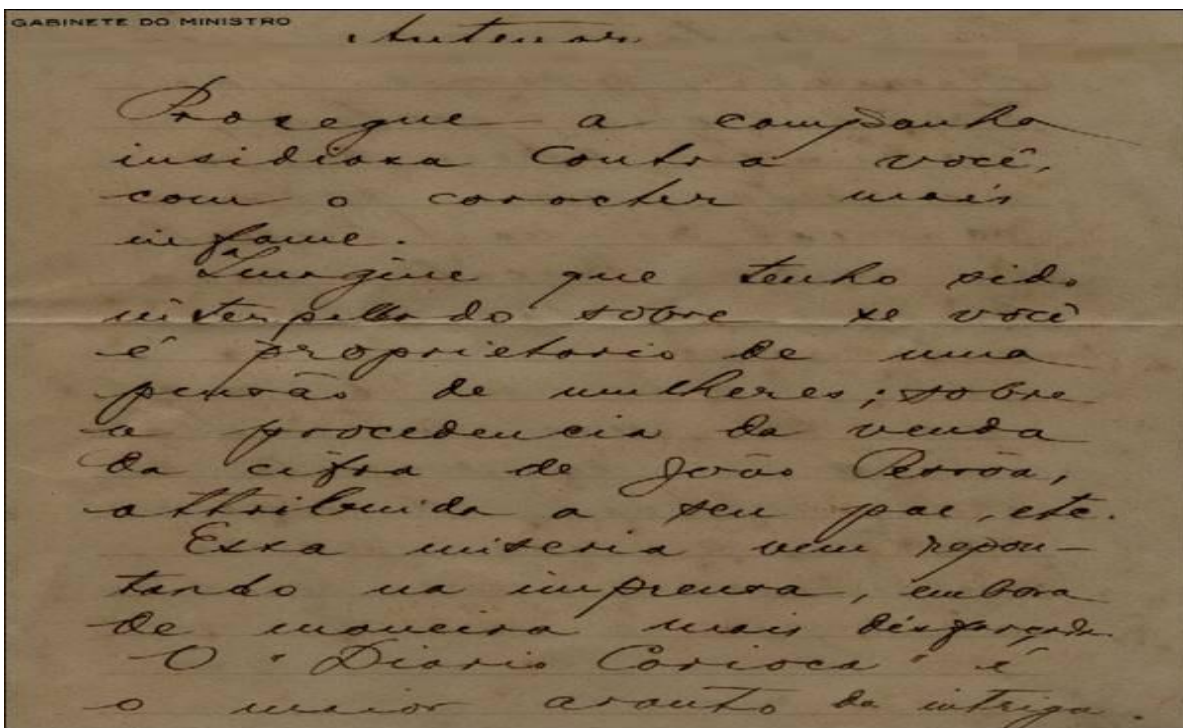


Figura 03 – Parte da carta nº 8

Antenor



**EO** – Prossegue a campanha / **insidiosa contra** você, /

**p1** – com o caracter **mais / infame**// Imagine que tenho sido / interpelado sobre se você / **é proprietário de uma / pensão de mulheres**

**p2** – **Essa miséria** vem repor / tando na imprensa, **embora** / de maneira mais disfarçada./

**p3** – O “Diário Carioca” é / o maior arauto **da intriga**//

**p4** – Para você compreender / **a natureza da campanha / que lhe é assacada**, junto-lhe / uma carta mandada pelo / Getulio ao Oswaldo, entre outros papeis//

Conforme verificamos, a partir do **EO** – *campanha insidiosa contra você*, desencadeiam-se mais quatro enunciados parafrásicos, como: **p1**- *com o caráter mais infame*; **p2** – *proprietário de uma pensão de mulheres*; **p3** – *essa miséria vem reportando na imprensa, embora de maneira disfarçada*; **p4** – *O diário carioca é o maior arauto da intriga*. A realização desses enunciados parafrásicos se deve ao estado de interpretação, nos moldes de Fuchs (1994), proporcionado pelo enunciador em relação ao seu interlocutor, devido ao cargo exercido por ele. São as forças, ou vozes, para Authier-Révuz (2004), relacionadas ao extralinguístico, que impõem a escolha dos termos linguísticos, nesse caso, representados por adjetivos, locuções adjetivas e grupo nominal (pronomes + nome) como: *insidiosa, mais infame, proprietário de uma pensão de mulheres, essa miséria, arauto da intriga*, para representar o estado individual dialogando com o histórico-social.

### 3.3 Fragmento discursivo nº 3 – trechos da crônica “Sem me rir, sem chorar: uma apresentação errada”

Era uma figura da revolução de [1930], [muito] meu amigo, não nego, mas por seu **temperamento divertido**, [bem] capaz de pregar-me uma das dêle. Viviam a oferecer-se para, numa tarde qualquer, ir buscar-me e sairmos juntos, num giro pela cidade, espairecendo. *Com sua vitalidade irrequieta*, estranhava o pé-de-boi: É preciso respirar, senão estoura. Não posso - alegava eu, sem atinar em que, perdendo alguns minutos, ganharia disposição para um trabalho mais consistente. **De uma familiaridade encantadora**, [enquanto não vinha a veia<ileg> passou-me o braço pelas costas, num jeito de arrastar-me para fora: **Tanto bateu, tanto fez que me pegou**. Já na

rua, revelou o motivo da evasão: Conversaremos à vontade, sem que nos ouçam. Há muito que conversar. **Está bem. Podemos ir – concordei.** Saímos trocando idéias **sobre uma situação** que já nos preocupava. (...)

A revolução sofria **a crise de reajustamento**, própria de todos os movimentos de transformação política mormente se processam sem uma mística definida, como se só interessasse a mudança do poder.

Chocavam-se, internamente, as correntes vitoriosas, impedindo a formação de novos quadros que se responsabilizassem pela **ação renovadora.**(JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA)

Nesse fragmento discursivo da crônica “Sem me rir sem chorar – uma apresentação errada”, há uma descrição de pessoas/personagens feita pelo enunciador, em vários momentos, através de enunciados que se parafraseiam. O EO **seu temperamento divertido** foi parafraseado pelos enunciados p1 (primeira paráfrase) – **sua vitalidade irrequieta** e p2 (paráfrase 2) - **de uma familiaridade encantadora.**

Esses enunciados podem registrar o processo metaenunciativo, ou seja, remeter ao contexto sócio-histórico e cultural já retomado com direção norteadada pelo humor. O personagem da crônica é colocado em uma situação, se não constrangedora, cômica.

Há infiltração de outras vozes (do interior) proporcionadas pela condição de produção do discurso. Tal descrição demonstra elementos relacionados ao campo metaenunciativo para a razão de ele se sentir “quase que obrigado” a deixar seus afazeres em plena tarde para espairecer. Proposta, para ele, no mínimo inconveniente, pois não estava em seus planos. No enunciado, **tanto bateu**, temos a paráfrase **tanto fez**, e para o segundo EO - **me pegou** – há três versões parafrásicas: p1- **está bem**, p2 - **podemos ir** e p3- **concordei.**

Percebi que os enunciados parafrásicos indicam os aspectos de linearidade do discurso, no sentido de reforçar, explicar, enfatizar a ideia anterior, e efetuam uma transposição de sentido, ou seja, o ar de familiaridade nos moldes de Fuchs (1982).

---

Já os enunciados parafrásicos de EO – **sobre uma situação – são** representados por p1 - **A revolução sofria a crise de reajustamento** - e p2 – **ação renovadora**. Esses enunciados - p1 e p2 - retomam o discurso anterior atravessado por outros discursos coniventes com a situação daquele momento: os dissabores da inconstância política pela qual o país passava.

### **Conclusão**

Os enunciados parafrásicos que registramos neste trabalho fazem parte de uma amostra de que os discursos se realizam a partir de outro já dito. Mas esse já dito pode tomar formas diversas em consonância com a condição de produção. Esse é o exercício que se instaura pelo campo da metaenunciação.

Ficou comprovada a natureza dialógica da linguagem proporcionada pelas paráfrases das cartas do citado escritor, uma vez que elas foram efetivadas conforme a situação de produção, inerente às necessidades do autor de dialogar com os seus interlocutores reais - aqueles representados pela interlocução face a face – e em consonância com o contexto sociocultural.

Essas paráfrases também foram realizadas na crônica “Sem me rir, sem chorar – uma apresentação errada”, quando retoma as questões de apresentar alguém, um personagem. Porém o norte da crônica teve como pauta as nuances do sentido figurativo, ou seja, o parâmetro simbólico nos moldes de Fuchs (1982). Essa nuance está presente no tema ‘apresentação e modos de tratamento’, registrados nas citadas cartas e na crônica, com o objetivo de confirmar que foram apenas uma faísca, nos termos de Bakhtin (1999), pois retomam e dão continuidade aos sentidos de um texto para outro texto, sem ofuscar sua unicidade.

Em resumo, demonstro que, tanto nas cartas quanto na referida crônica, o autor escritor modernista, político paraibano, na posição, ora de escritor (autor), ora de político, ora de homem comum, ora de advogado, expõe sua trajetória de vida relacionada às suas vitórias, frustrações e decisões como foco de seu discurso.

---

Esse modo de ler textos, a partir de gêneros diferentes, faz-me cada vez mais consciente de que o processo de (re)construção de sentido, consoante o campo da metaenunciação da linguagem, favorece sobremaneira a produção de texto na sala de aula.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, A. José. **Fragmentos das cartas de nº 2 e nº 8**. In Acervo da Fundação Casa de José Américo de Almeida.

ALMEIDA, A, José. “**Sem me rir, sem chorar – Uma apresentação errada**” In: José Américo de Almeida nos bastidores, Adylla Rocha Rabello, Brasília: Senado Federal, 1994 (Dissertação. Curso de Mestrado em Letras/UFPB).

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

FUCHS, C. **A Paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação?** In: Cadernos Linguísticos, 8: 129-134, 1985.

\_\_\_\_\_, **Paraphrase et énonciation**, Editions OPHRYS, Paris, 1994.

RABELLO, Adylla Rocha. **José Américo de Almeida nos bastidores**. (Dissertação. Curso de Mestrado em Letras/UFPB). Brasília: Senado Federal, 1994.

---